

Informe econômico

Publicação do Curso de Ciências Econômicas/UFPI

Ano 11/Nº 23

Fev-mar-abr/2010

“PARTIDOS POLÍTICOS?”

“Para onde canalizamos nossa insatisfação? O que fazemos? Como mudamos o mundo, como fazemos do mundo um lugar melhor?” Com esses questionamentos, o economista e filósofo irlandês, John Holloway, inicia artigo publicado no periódico “Margem Esquerda - Ensaios Marxistas” (n. 4, out. 2004), onde estabelece relação de dependência entre os partidos políticos e o estado. As questões colocadas pelo autor são pertinentes quando, em nosso País, até outubro do corrente ano, estaremos ouvindo os discursos dos partidos políticos, visibilizados pelos políticos profissionais ou não, que pretendem assumir os cargos de presidente da República, governador, senador, deputados federal e estadual.

Para Holloway, os partidos políticos quando conquistam o controle do estado, são por ele moldados e limitados; assumindo, assim, todas as características do aparelho estatal, como a temporalidade e o ritmo. De forma inevitável, continua Holloway, os partidos reproduzem a mesma separação entre público e privado, que é uma das bases da existência do estado. A lógica do estado, que é a de separar, alienar e entediar, é ampliada pelo partido político, porque tal lógica é por ele assumida. Por isso, em todo o mundo, é percebida uma intensa desilusão das pessoas para com os partidos.

Assim como o estado, os partidos geram processos de exclusão: o estado, através da sua burocracia, linguagem e arquitetura dos edifícios; os partidos, quando afirmam ter suas ações voltadas para atender os anseios da classe trabalhadora ou das massas oprimidas; na verdade, subordinam ou colocam sob seus interesses os interesses daqueles que dizem defender. Outro aspecto da separação possibilitada pelo estado, apontada por Holloway, é quando este, por sua própria existência, nos separa dos cidadãos de outros estados.

Então, podemos perguntar de que maneira, como civilização, podemos avançar para que se realize, pelo menos, traços da infinita riqueza do fazer humano; como lidar com as lutas diárias, produto das formas de relações estabelecidas com o estado, o dinheiro e o mercado, se os partidos políticos não representam vias de superação de inaceitáveis e continuadas situações vivenciadas pela maioria da sociedade, em nível local, regional e mundial. Holloway diz que não existe um modelo que possa ser simplesmente aplicado. Existem, e sempre existiram, afirma o autor, movimentos de resistência. Este impulso de autodeterminação coletiva não é, entretanto, uma resposta e, sim, uma questão que só pode ser compreendida como um mover-se contra as realidades excludentes delineadas pelo capital, um experimentar, um inventar, um perguntar.

Oferecemos, quem sabe, com esse número do nosso Informe, nos vários e ótimos artigos, algumas respostas. Boa leitura!

Enoisa Veras

- | | |
|---|--|
| <p>2 Breves considerações sobre a propriedade privada no pensamento de Hobbes e Locke
Zilneide O. Ferreira</p> <p>8 Custos dos efeitos internos da erosão dos solos no cerrado piauiense
Kerle Pereira Dantas e Maria do Socorro Lira Monteiro</p> <p>14 Valor econômico dos carnaubais nativos nordestinos
Emiliana B. Cerqueira e Jaíra Maria Alcobaça Gomes</p> <p>19 O compromisso coronelício no Brasil, 1945-1964
Francisco Pereira de Farias</p> <p>24 A lógica da pena e o <i>superavit</i> da injustiça: apontamentos para a discussão da violência em Teresina
Marcondes Brito</p> | <p>27 Trabalho e Economia Solidária
Solimar Oliveira Lima</p> <p>28 Produção de conhecimento: uma técnica
Maria Cristina de Távora Sparano</p> <p>30 A crise e o resgate do pensamento de Keynes nas finanças
Eder Johnson de Area Leão Pereira</p> <p>34 A nova ordem mundial e a geopolítica do mundo atual
Ioshua Costa Guedes</p> <p>39 Um esboço da relação de uma biografia de Gramsci com sua obra
Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos</p> <p>43 O Complexo Intermodal Sul Bahia e a integração sul-americana
Henrique Campos de Oliveira</p> |
|---|--|

“A financeirização da riqueza passou a ser, deste a década de 1980, um padrão sistêmico globalizado em que a valorização e a concorrência no capitalismo operam sob a dominância da lógica financeira. Esta lógica originou-se nos EUA e transferiu-se para Londres, no Euromercado na década de 70. Regressou à Nova York na década de 80 com a diplomacia do dólar forte e tornou-se a lógica da globalização financeira”

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES, 80 ANOS

DICAS DE LIVROS do prof. Ricardo Alaggio Ribeiro

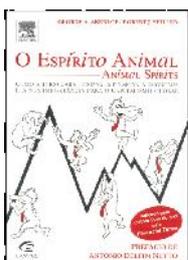


Obra: Desenvolvimento e perspectivas novas para o Brasil

Autor: Marcio Pochmann
Editora: Cortez

Mantido o ritmo econômico e social registrado até o final da década de 1970, o Brasil seria hoje a terceira potência do mundo, com carga tributária equivalente a 24% do Produto Interno Bruto (e recursos arrecadados quase duas vezes mais do que atualmente), com nível de pobreza absoluta superada e com quase 85% da força de trabalho submetida ao assalariamento e plena de direitos sociais trabalhistas. Mas não foi isso o que ocorreu. Ao contrário, o Brasil ainda se encontra submetido à condição de nona potência mundial, depois de ter já sido considerada a décima quarta durante a mitológica década de 1990. Somente um pouco mais da metade de sua força de trabalho possui algum grau de proteção social enquanto mais de um quarto do total dos brasileiros ainda se encontra submetido à vergonhosa situação de pobreza absoluta. Nos últimos anos, contudo, decresce a participação relativa dos pobres no total da população, bem como também cai a desigualdade no interior da renda do trabalho.

Trecho da Apresentação, por Marcio Pochmann



Obra: O Espírito Animal - Como a psicologia humana impulsiona a economia e a sua importância para o capitalismo global
Autores: George A. Akerlof e Robert J. Shiller
Editora: Elsevier

A crise atual não é resultado apenas da ganância financeira e dos incentivos perversos que a acompanham. Ela é o testemunho de uma ideia, ou melhor, de um pressuposto que se provou falso: a crença dominante entre os "cientistas" (e explorada por banqueiros inescrupulosos) de que os mercados financeiros eram eficientes e seus agentes racionais. (...) O livro recupera alguns lampejos de genialidade de Keynes que mostrou que as violentas flutuações de conjuntura são, em geral, flutuações dos investimentos e que estes dependem não do cálculo racional dos empresários, mas do seu "espírito animal"..." (...) A desmontagem das supostas eficiência e racionalidade dos mercados é feita com argumentos tão persuasivos que forçarão a reconstrução da macroeconomia com base nas teorias do comportamento coletivo.

Trechos do Prefácio à edição brasileira, por Antonio Delfim Neto

NOTAS

♦ Com os objetivos de discutir as categorias básicas e o método do pensamento marxista e analisar, a partir de textos históricos, a formação do capitalismo, foi formado o grupo de estudo *Iniciação ao Marxismo*, coordenado pelos professores do Departamento de Ciências Econômicas (DECON), Luis Carlos Rodrigues Cruz Puscas e Solimar Oliveira Lima. Este será um dos grupos de estudos do **Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Marxistas (NIEPMARX)**, cuja solicitação para sua oficialização encontra-se em processo de tramitação nas instâncias superiores desta IES. Deverão também integrar o referido Núcleo os grupos de estudos coordenados pelos professores Francisco Pereira de Farias (estudo de autores neomarxistas, como Bettelheim, Poulantzas, etc.), do Departamento de Ciências Sociais, e Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos (Gramsci), do Mestrado em Ciência Política.

♦ A leitura dos números anteriores das publicações do DECON "Informe Econômico" e "Texto de Discussão" será brevemente possibilitada com a colocação dos mesmos no site do referido Departamento, na página da UFPI, no endereço: www.ufpi.br/economia. No momento, já se encontra disponível a maior parte das edições, bem como diversas informações sobre o Curso de Ciências Econômicas da UFPI.

♦ Em face da entrada em vigor das novas regras ortográficas, os artigos foram revisados, respeitando-se o estilo individual da linguagem literária dos autores (seja culto ou coloquial), conforme a 5.ª edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP, 2009), aprovado pela Academia Brasileira de Letras.

Expediente

INFORME ECONÔMICO

Ano 11 - n. 23 - fev./mar./abr. 2010

Reitor UFPI: Prof. Dr. Luiz de Sousa Santos Junior

Diretor CCHL: Prof. Dr. Pedro Vilarinho

Chefe DECON: Prof. Ms. Samuel Costa Filho

Coord. Curso Economia: Profª Ms. Janaina Vasconcelos

Site DECON: <http://www.ufpi.br/economia>

Coord. do Projeto Informe Econômico:

Prof. Dr. Solimar Oliveira Lima (s.olima@bol.com.br)

Conselho Editorial: Prof. Dr. Antonio Carlos de

Andrade, Prof. Esp. Luis Carlos Rodrigues Cruz Puscas,

Profª Drª Socorro Lira, Prof. Dr. Solimar Oliveira Lima,

Prof. Ms. Samuel Costa Filho

Coord. Publicação e Diagramação:

economista Enoisa Veras (enoisa@hotmail.com)

Revisão: economista Zilneide O. Ferreira

(zilneide@terra.com.br)

Projeto Gráfico: MHeN

Jornalista Responsável: Prof. Dr. Laerte Magalhães

Endereço para Correspondência:

Universidade Federal do Piauí - CCHL - DECON

Campus Ininga - Teresina-PI - CEP.: 64.049-550

Fone: (86) 3215-5788/5789/5790 - Fax.: 86 3215-5697

Tiragem: 2.000 exemplares

Impressão: Gráfica UFPI

Parceria: Conselho Regional de Economia 22ª Região-PI

